

● LISTA DE ESPERA

UMA ESPERANÇA PARA ANTÓNIO FERREIRA

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

António Ferreira tem 40 anos e é natural de Câmara de Lobos. Como tantos outros madeirenses, decidiu tentar a sorte 'lá fora' e, em 2008, mudou-se com a mulher e a filha pequena para Jersey. Trabalhava como jardineiro e, naqueles primeiros anos, "a vida corria bem". Tudo mudou com o aparecimento de uma mancha vermelha nas costas...

A biópsia inicial não encontrou o cancro e foi tratada como se fosse um eczema ou dermatite, mas com o passar do tempo o seu estado de saúde foi-se deteriorando. O cansaço extremo obrigou-o a deixar de trabalhar e apareceram outros sinais, como caroços no corpo e deformação das unhas.

Em 2017 – ao fim de cinco anos e várias biópsias – foi diagnosticado com a Síndrome de Sézary, um tipo raro de linfoma cutâneo de células T – que provoca dor, comichão, sensação de ardor e vermelhidão da pele.

A cada momento que passa, o risco das células T malignas encontradas na pele passarem para a corrente sanguínea e o linfoma espalhar-se a outros órgãos aumenta e as suas chances de sobrevivência dependem de um transplante de ADN.

Apesar de ter quatro irmãos, a compatibilidade foi considerada reduzida pelos médicos, que consideraram o transplante um risco, pelo que continua uma busca mundial por um dador com o mesmo perfil genético.

A solução poderá estar na comunidade madeirense no Reino Unido, uma vez que "é mais provável que o doador compatível seja alguém de origens semelhantes" (ou seja, madeirenses e portugueses em geral), explica a associação DKMS [instituição de solidariedade internacional que se dedica à luta contra o cancro e outras doenças do sangue], que recentemente lançou um apelo online para angariar mais doadores.

As probabilidades são reduzidas, mas para o emigrante é importante que o maior número possível de portugueses se registem como doadores. É um gesto simples, sem custos, nem riscos acrescidos e que pode ajudar a salvar uma vida [v. destaque].

"As pessoas, sobretudo em Portugal, ainda têm algum medo quando



António Ferreira conta com o apoio incansável da sua mulher, Osvalda, que a cada 15 dias acompanha o marido nas viagens a Londres para fazer tratamentos ao sangue.

“

Acredito que quanto mais pessoas virem a nossa história, maiores são as nossas hipóteses de encontrar um dador compatível

se fala em transplante de medula óssea – ainda pensam que podem ficar entrevados – mas actualmente, na maior parte dos casos, a colheita já é feita através do sangue periférico. Portanto, é tudo muito mais fácil”, explica a mulher de António.

“Mesmo nos casos do transplante a partir da medula óssea o dador apenas fica um pouco dorido após a colheita. Às vezes nós fazemos tanta coisa que nos prejudica e não olhamos a isso e aqui podemos ficar doridos por um dia ou dois, mas o sentimento de salvar uma vida deve ser algo indescritível (...) só peço que se coloquem no nosso lugar”, acrescenta Osvalda Ferreira, que a cada 15 dias acompanha o marido nas viagens a Londres para fazer tratamentos ao sangue que atenuam os sintomas.

É um processo desgastante para toda a família.

Osvalda conta que de cada vez que têm de partir para Londres a filha Ana, agora com 14 anos, também se ressentiu muito. “Tenho medo de despedir-me do pai, porque nunca sei quando será a última vez”, confidenciou-lhe a jovem.

O coronavírus só veio piorar as coisas, uma vez que os tratamentos foram suspensos durante o confinamento e a família teve de se isolar para evitar o contágio, com riscos acrescidos para alguém na situação de António. A pandemia levou também a que Osvalda – o sustento da família – ficasse sem emprego, obrigando-os a recorrer ao apoio da segurança social britânica.

Entretanto, as visitas ao hospital foram retomadas, mas sem o transplante de células estaminais não há esperança de cura para o madeirense.